



O CHÃO DOS PARDAIS

Dulce Maria Cardoso  
o chão  
dos pardais

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIV

© 2014, Dulce Maria Cardoso  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *O Chão dos Pardais*  
Autora: Dulce Maria Cardoso  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Vera Tavares

1.ª edição: Junho de 2014

ISBN 978-989-671-218-1  
Depósito Legal n.º 375557/14

*Ao Luís e ao Clude, por me terem escrito este poema*

há tanto tempo  
desde quando?  
talvez desde sempre  
sim, desde sempre  
as mãos cerradas  
e as unhas a crescerem  
a cortarem como lâminas  
as palmas das mãos  
e o sal  
ou outra coisa qualquer  
do suor  
ou das lágrimas  
a enfiar na carne  
a espalhar pelo corpo  
essa dor  
lancinante  
e tudo porquê?  
sim, porquê?  
por medo?  
nem sequer  
por inaptidão  
sim, talvez  
como é que se pensa o que nunca se pensou?  
como é que se faz o que nunca se fez?  
sim, por inaptidão  
uma espécie de impreparação muscular

e depois  
depois também há os outros  
que nos puseram  
    ou deixaram ficar  
assim  
de mãos cerradas  
há tanto tempo  
    desde quando?  
talvez desde sempre  
    sim, desde sempre  
os outros  
os outros  
os outros  
que se fodam os outros  
abre as mãos  
sim, abre as mãos  
agora  
já  
abre as mãos  
    ou deixa que tas abra  
abre as mãos  
    nada de mal acontece  
abre as mãos  
    elas não guardam nenhuma tempestade  
sossega  
abre as mãos  
isso  
abre as mãos  
vês  
nada de mal  
nem desgraça  
    nem tempestade  
nem vento sequer  
só esta brisa  
    esta quase brisa

a lamber-te a pele  
    a cicatrizar-te as feridas  
que desenham a sangue  
essa linha  
a meio das palmas das mãos  
a tua vida aí toda arrumadinha  
e esta brisa  
    esta quase brisa  
entretida a desdobrá-la  
a erguê-la no ar  
alegre  
livre  
em jeito de brincadeira

As princesas nunca morrem.  
Casam-se e são felizes para sempre

– A ideia há-de surgir quando menos espero – diz Alice, – é sempre assim. Não posso exasperar-me.

Está sentada no sofá. Tem no colo um caderno de folhas brancas e acabou de escrever, no cimo de uma delas, em letras grandes de imprensa, ideias para o presente do Afonso. Desenhou cuidadosamente cinco setas que numerou de seguida. Não escreveu mais nada depois disso. É a sétima lista que começa desde que se sentou no sofá.

Olha para a sala. Enrola no indicador da mão esquerda uma madeixa do cabelo louro de boneca.

– Como é que se pensa uma ideia – pergunta no tom sussurrado que treina desde adolescente, – como?

Rasga a folha. Os pedaços de papel juntam-se ao monte de papel rasgado que está no lado esquerdo do sofá. Pega noutra folha. Enquanto a folha está em branco tudo lhe parece possível.

– Nunca acontece nada – diz muito devagar, – pode acontecer tudo e quase nunca acontece nada.

Olha para a sua sombra na parede. Os gestos não acontecem ao mesmo tempo na sombra. Alice abre e fecha uma mão várias vezes, atenta ao atraso da sombra.

Uma mulher jovem e muito bela corre por uma rua estreita e deserta. Desequilibra-se nos sapatos de verniz preto

de salto alto. A saia travada não a deixa correr mais depressa. Alice sempre se distraiu com imagens que lhe aparecem na cabeça. É de noite. A rua está ladeada por muros altos. A mulher usa um casaquinho curto de manga a três quartos e uma camisa de flores roxas que tem os primeiros três botões desabertados. A pele da mulher é morena. As meias de rede preta tornam as pernas mais longas. A mulher está muito cansada. Encosta-se a um dos muros, ofegante. Os lábios vermelhos são um coração bem desenhado. A mulher deixa-se escorregar pelo muro até ficar sentada no chão. Tenta manter a compostura, daí que as pernas fiquem dobradas desta maneira, uma sobre a outra, de lado, como, dantes, as senhoras se costumavam sentar nos piqueniques. A sombra aparece na parede. O corpo que se aproxima vai ficando maior, maior, até deixar de caber na parede. O chão está todo tomado pela sombra. A mulher diz qualquer coisa ininteligível. Suplica. Os olhos da mulher, grandes e escuros, estão assustados. Da terra, de um sítio muito perto, um grilo canta. Baixinho.

– Se ouço os grilos cantar ainda devia ser criança. O que aconteceu entretanto?

Alice olha para o relógio que tem no pulso e depois para o relógio que está sobre o aparador. O relógio do aparador nunca conta o mesmo tempo dos outros relógios. Há sempre uma diferença de dois ou três minutos entre o relógio do aparador e todos os outros relógios. Às vezes cinco. Nunca mais de cinco, porém.

O relógio do aparador tem, a servir de pêndulo, um anjo gordo sentado num baloiço com os pezinhos redondos a balouçar. Alice comprou o relógio do anjo, como lhe chama, num antiquário, no primeiro Inverno que passou na cidade. Um sol muito brando agasalhava as ruas. Alice tinha uma

boina de veludo azul que condizia com os olhos azuis e com o cabelo amarelo. Os homens olhavam para ela. Mesmo os mais respeitáveis. Alice sabia o que eles pensavam e gostava de ser olhada assim. A cidade não é a mesma. Se agora fosse à rua com a boina azul os homens já não olhariam para ela daquela maneira. A cidade tem de estar diferente.

Quando a sombra gigantesca se mexe, agita a luz, dando a ilusão de que é a mulher caída que se está a mexer. Longe, a sirene de um navio ecoa ao abandonar o cais. A mulher tenta levantar-se, empurra as palmas das mãos contra o muro branco, para se erguer. A respiração desacertada fá-la abrir os lábios e parece ainda mais indefesa. Cai desamparada. O chão é feito de pedras brancas e pretas em forma de estrelas. Pequenas estrelas. Estrelas maiores. A sirene do navio adensa o nevoeiro que se enrola em círculos concêntricos à volta da luz amarelada do candeeiro mais à frente. Quase se pode tocar no nevoeiro, que parece algodão-doce.

– Todos os relógios deviam contar o mesmo tempo – diz Alice.

Nunca fez nada para resolver o desacerto dos relógios, um desacerto parecido com o que acontece dentro e fora da cabeça dela. São desacertos tão insignificantes que nunca ninguém se interessará por eles.

– Três minutos não têm importância nenhuma. Nenhuma. A não ser nos filmes, claro.

Passa muito tempo fechada na sala mais pequena e mais escura da cave a ver filmes. Sentada na poltrona de veludo dourado que pertenceu ao pai. O dourado há muito que não é dourado. Encardiu-se e ficou de uma cor que não tem nome. Sujo. Ninguém entra na sala dos filmes. Nem mesmo Eugénia, que anda sempre pela casa sem fazer barulho. Como se

não tocasse com os pés no chão. Alice juraria que sim, que Eugénia anda sem tocar com os pés no chão. Em criança, os pés de Eugénia tocavam no chão como os pés das outras pessoas. E andavam quase sempre descalços.

Também ninguém entrava no escritório do pai. O pai estava sempre a trabalhar. Abria o jornal, esticava as folhas, colocava-as à altura certa dos olhos, acendia um cigarro quase sempre com o cigarro anterior, tossia, enchia o copo de *whisky*, bebia-o de um trago, pousava o copo ao lado do balde de gelo que era substituído a cada três horas, dava outro esticão às folhas do jornal, enchia outra vez o copo, acendia outro cigarro, tossia, era este o trabalho do pai enquanto a mãe e as tias de Alice bordavam ou faziam paciências na sala que dava para o terreiro onde se prendiam os cavalos. Muitos anos mais tarde, quando a casa foi a leilão, um funcionário inventariou três argolas metálicas na parede que delimita o imóvel a norte. As argolas serviram para prender os cavalos e enferrujaram por falta de uso. Quando estava mais frio, a mãe e as tias de Alice sentavam-se noutra sala, à roda da mesa de braseira sempre coberta com uma toalha de feltro verde até ao chão sobre a qual se punha uma mais curta que era sempre branca e em croché. A sala da braseira dava para o jardim dos pavões. O mesmo funcionário descreveu o jardim como sendo um logradouro de quatrocentos e oitenta metros quadrados, murado a sul.

Mas nem a sala do terreiro nem a da braseira, nem qualquer outra divisão da casa cheiravam a fumo de cigarros e papéis como o escritório do pai. Também nenhuma das mulheres tinha a tosse persistente do pai que se ouvia pela casa. Nenhuma delas entornava o copo de whisky ou se deixava adormecer com o cigarro na boca. Não, que disparate,

o pai nunca adormecia, a mãe e as tias de Alice estavam sempre a corrigi-la, o pai está a pensar, o pai tem muito em que pensar. De vez em quando uma das mulheres falava no perigo de um incêndio, mas havia sempre uma outra que a mandava calar.

Alice gostava muito de ouvir a respiração do pai, que era muito diferente da respiração da mãe e das tias, respirações silenciosas e fáceis como as de todas as pessoas que vinham da rua. As visitas. Hoje temos visitas, era-lhe dito, a menina tem de se portar bem. As visitas diziam que Alice era uma criança adorável e era bom ser adorável. Um dos desejos de Alice era aprender a respirar como o pai, fazendo asso-bios quando o peito subia e descia. O pai riu-se com gosto quando Alice lhe confessou este desejo. Gostava muito de fazer o pai rir-se, mas isso ainda lhe parecia mais difícil do que aprender a respirar com assobios.

– Oito minutos para a meia-noite – Alice olha para o relógio do anjo. – Como estou enjoada.

Se tivesse dito, como estou maçada, ter-se-ia condenado a sentir de forma diferente, porque nada é nomeado sem consequências. Alice escolheu culpar o molho da salada que comeu ao jantar. Foi mais fácil assim.

– Não há nesta sala um único erro – estica os braços, entrelaça os dedos virando as palmas das mãos para fora e boceja. – Não há nada mais imperdoável do que os erros estéticos. Além de incuráveis são contagiosos.

Daqui a uma semana o marido faz sessenta anos e Alice quer oferecer-lhe um presente inesquecível mas ainda não conseguiu escolher nenhum. Por isso escreve, mais uma vez, noutra folha, as ideias que já teve. Desta vez coloca a palavra viagem dentro de um círculo que ficou mal desenhado.

A partir dele traça uma seta para o lado direito da folha. Escreve, em letra mais pequena, Opções, e depois abre uma chaveta que também fica assimétrica. Em frente da chaveta escreve, Deserto. Acrescenta, Viagem de luxo no deserto.

Detém-se por uns instantes no que acabou de escrever. Abana a cabeça lentamente. Risca. Devagar. Sem zanga. Com o desapego com que se cumprem as tarefas necessárias.

– Pelo menos ainda não precisei de corrigir nada – diz vitoriosa.

Os erros são apenas a prova de que deveria ter sido mais esperta. Nada se aprende com os erros que não possa ser aprendido sem os fazer.

– Sessenta anos. Como é que ficámos tão velhos? Sorri. Nega com veemência.

– Ainda parecemos novos – diz com os olhos abertos, como se alguém discordasse dela.

Debruça-se e traz, da mesa baixa à frente do sofá, o copo de Ginger Ale. Dá um gole. Passa, com cuidado, a língua pelos lábios pintados de rosa-chá para não estragar o batom que colocou logo a seguir ao jantar. Foi nessa altura que sorriu à frente do espelho. Para confirmar que ainda tem um sorriso bonito, que ainda é uma mulher bonita. Não acrescentou, para a idade, como as amigas geralmente fazem.

Lá fora, para além das janelas que correm a sala de um lado ao outro, o rio alonga-se, uma negrura líquida e cintilante. O rio pode ser admirado do sofá onde Alice está sentada ou de qualquer outro sítio da sala, porque a sala foi construída para o rio.

– O rio é sempre tão monótono – a queixa condiz com as madeixas louras do cabelo de boneca, o batom rosa-chá, as

sandálias com fitas amarelas que estão ao lado do sofá –, se ao menos as margens...

Fala muitas vezes sozinha. Terá sido por isso que ganhou o hábito de deixar as frases por acabar. Não se pode saber o que está na origem de um hábito, se o gesto, se a necessidade dele.

O rio é uma treva um nada mais brilhante do que a treva do céu. Um nada mais trémula. Um nada mais alcançável. De qualquer maneira uma treva.

Afonso viaja muito, por isso uma viagem nunca seria um presente inesquecível. Ainda agora está muito longe. Trabalho, disse. Trabalho, é o que diz mais frequentemente, mas também a informa sobre as suas ausências com outras palavras. Alice detesta quando o marido utiliza a palavra negócios, que considera ser de extremo mau gosto. Nunca ninguém lhe perguntou porquê nem nunca ninguém a contrariou. Mas nem por isso é uma crença mais frágil do que as crenças construídas com oposição.

– Se eu lhe oferecesse tempo, muito tempo? – diz num tom excitado.

Parece-lhe possível. Ninguém se deve compadecer da deslealdade com que as ideias absurdas tomam conta dos que estão sozinhos.

– A culpa não é minha – zanga-se. – O que é que posso dar a um homem que sempre teve tudo?

O Ginger Ale está a acabar. Alice impacienta-se. As coisas só deveriam acabar quando se acabasse a vontade para elas. Agora que o Ginger Ale está a acabar, Alice tem sede. Se ainda estivesse acordada, Eugénia mandaria uma empregada ou ela própria se encarregaria de ir buscar outro. Não deixar acabar nada é uma das tarefas de Eugénia. Mas Eugénia deita-se sempre muito cedo. A noite foi feita para

dormir. É para os pecadores. Era o que a mãe lhe dizia quando Alice lhe pedia para ficar acordada até mais tarde. Queres ser pecadora, perguntava-lhe a mãe. Não, não queria. Queres ir para o inferno, insistia a mãe, e Alice cada vez mais assustada respondia outra vez que não. A mãe sorria e passava-lhe a mão pela cabeça. Linda menina, linda menina. Eram os mesmos gestos e a mesma voz que usava para os cães que existiam na casa e que os saudavam com as caudas a abanar quando regressavam dos passeios. Lindo, lindo, dizia a mãe, dividindo as mãos brancas e delicadas pela matilha, ao sair do carro que o motorista arrumava na garagem e cobria com uma capota bege. O carro passava muito tempo na garagem coberto com a capota bege. Era raro saírem de casa.

Quando eram crianças, Alice ia para a cama muito mais cedo do que Eugénia. Vais para o inferno, dizia Alice se calhava vê-la. Eugénia ficava na cozinha a limpar os pratos que a mãe dela lavava com gestos precisos na cuba de mármore quadrada envergando um avental sempre muito branco. Vais para o inferno. Eugénia nunca respondia e também nunca parecia assustada, o que levava Alice a pensar que Eugénia já conhecia o inferno e não o receava.

Eugénia e Alice nasceram na mesma casa e no mesmo dia. Com diferença de onze horas. E de aposentos. Eugénia nasceu num dos quartos sem janelas do anexo onde todos os empregados viviam. Alice nasceu no quarto cheio de sol que dava para o castanheiro. Talvez por isso nunca se tenham tornado amigas. Talvez a amizade requeira uma coincidência mais relevante do que a do dia do nascimento.

Alice levanta-se do sofá para ir buscar outro Ginger Ale. Quando passa pelo relógio do anjo, o dia 31 de Agosto de

1997 já gastou dezassete minutos dos mil quatrocentos e quarenta que possui.

De pé, a caminho da cozinha, sem descurar a elegância com que deve andar, repete em voz alta todas as ideias de que já se lembrou para o presente de Afonso. Este barulho, este barulho que Alice tem dificuldade em reconhecer, é a campainha do telefone. Sobressalta-se. É muito raro o telefone tocar a esta hora.

Não pode ser Afonso. Afonso não telefona mais do que uma vez por dia e telefona sempre a horas decentes, como já fez hoje, para dizer se está calor ou frio, se tem comida bem ou menos bem. Para Alice nada disso é importante. Mas concorda que têm de falar de alguma coisa. Especialmente numa chamada de longa distância.

Corre para o telefone. Tem de atender antes que a julguem a dormir e desliguem. Se isso acontecer ficará toda a noite a pensar em quem teria sido. E nem a hipótese de um engano a acalmará. O telefone está no outro lado da sala, que se torna maior.

Manuel e Clara. Há muito que os filhos não precisam de nada em que ela possa ser útil. A não ser que Manuel ou Clara, ou mesmo Afonso, que já telefonou hoje, a não ser que... Afasta a possibilidade de uma má notícia. Atende. A mão treme-lhe um pouco.

– Minha querida, aconteceu uma coisa terrível.

A voz é familiar, mas Alice não consegue identificá-la. A amiga tem de dizer o nome.

– Minha querida – a alegria de Alice é autêntica, – estou tão feliz por ouvi-la, como é que não reconheci a sua voz, Oh, minha querida, perdoe-me, não faça caso, estava ali tão distraída que...



Alguien dijo: Tuyo es el vino. Y yo miré las vinás rojas, moradas de racimos, con hojas delicadamente labradas. Eran las vinás que dijeron ser mías, y a su tiempo, cada uno bebió su copa bien colmada.

Alguien dijo de nuevo: Tuyo es el camino. Y yo plante los árboles a un lado y a otro. Y la sombra era ancha Y hubimos todos sombra de mi mano.

Volvieron a decir: Tuyo es el canto. Y la canción se fue por el camino, por el vino...

Y yo que me sabía pobre, de una pobreza sin nombre. Y triste, de una tristeza sin derechos, sin quejas y sin fin, rasgué mi ropa y les mostré mi herida.

Y aún les oí decir con los ojos turbios de envidia: – Maravilloso rubí!

DULCE MARÍA LOYNAZ  
*Poemas Náufragos*

Dulce Maria Cardoso publicou em 2001 o seu romance de estreia, *Campo de Sangue*, Grande Prémio Acontece, escrito na sequência de uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura. Desde então publicou os romances *Os Meus Sentimentos* (2005), prémio da União Europeia para a Literatura, *O Chão dos Pardais* (2009), prémio Pen Club, e *O Retorno* (2011). É autora de duas antologias de contos: *Até Nós* (2008) e *Tudo São Histórias de Amor* (2014). Serão brevemente lançados os seus primeiros dois livros infantis, na colecção A Bíblia de Lôá.

Em 2012, foi condecorada com as insígnias de Cavaleira da Ordem das Artes e das Letras da França. A sua obra está publicada em quinze países e é estudada em diversas universidades. Alguns dos seus contos e romances foram adaptados ou encontram-se em fase de adaptação para cinema e teatro.

# o chão dos pardais

foi composto em caracteres  
Hoefler Text e Consolas, e im-  
presso pela Rainho&Neves, Ar-  
tes Gráficas, sobre papel Coral  
Book de 80 gramas, em  
Maio de 2014.

*De Mim já nem Se Lembra*  
Luiz Ruffato

*Dezoito Palavras Difíceis*  
Luís Rainha

*Diário da Queda*  
Michel Laub

*Dois Rios*  
Tatiana Salem Levy

*E a Noite Roda*  
Alexandra Lucas Coelho

*Este Samba no Escuro*  
Raquel Ribeiro

*Quando o Diabo Reza*  
Mário de Carvalho

*Habitante Irreal*  
Paulo Scott

*Hotel*  
Paulo Varela Gomes

*O Retorno*  
Dulce Maria Cardoso

*O Verão de 2012*  
Paulo Varela Gomes

*Tudo São Histórias de Amor*  
Dulce Maria Cardoso